



Candidatos buscam votos na véspera do 1º turno

No último dia de campanha para o Buriti, Celina Leão, Leandro Grass, Paula Belmonte, Kiko Caputo e Ricardo Cappelli intensificaram agendas com carreatas, caminhadas e mobilizações para atrair eleitores indecisos

» CARLOS SILVA
» IAGO MAC CORD

Na véspera do primeiro turno das eleições, os candidatos ao Governo do Distrito Federal concentraram a agenda de ontem em caminhadas, carreatas, encontros com eleitores e mobilizações nas ruas. No último dia de campanha, os políticos que concorrem no Palácio do Buriti intensificaram a busca por votos, especialmente entre os eleitores que ainda não definiram a escolha, e reforçaram propostas e críticas aos adversários antes da votação deste domingo.

A governadora e candidata à reeleição, Celina Leão (PP), participou da Motociata da Liberdade, acompanhada da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro (PL) e Bia Kicis (PL), ambas candidatas ao Senado. Ao discursar para apoiadores, a candidata fez um balanço da campanha e afirmou que optou por uma estratégia baseada na apresentação de propostas, sem ataques aos adversários.

Celina agradeceu o apoio recebido durante a corrida eleitoral e destacou o que classificou como uma campanha limpa. “Nós fizemos uma campanha limpa, uma campanha na qual nós não falamos mal dos nossos adversários. Nós falamos o que queríamos fazer e quais são os planos nossos pra essa cidade”, afirmou.

Durante o discurso, Celina destacou, especialmente, o apoio de Michelle Bolsonaro ao longo da campanha e disse que a união entre as três representa uma força política para a disputa. A governadora também recordou um episódio envolvendo o ex-presidente Jair Bolsonaro. Segundo ela, em julho do ano passado, Bolsonaro enviou uma mensagem durante uma motociata realizada no DF. “(Ele falou) ‘Celina, vem pilotar na minha garupa que pode ser a última vez que eu esteja solto’”, relatou.

Celina afirmou que interrompeu as férias para retornar a Brasília naquele momento e lembrou que aquela acabou sendo a última motociata de Bolsonaro na capital. Atualmente, o ex-presidente cumpre prisão domiciliar após ser condenado pelo Supremo Tribunal Federal por crimes relacionados à tentativa de golpe de Estado. Ao final da manifestação, Celina pediu apoio às candidaturas aliadas e mencionou a família do ex-presidente. O discurso foi encerrado sob o lema “Justiça, pátria e liberdade”.

Propostas

Leandro Grass (PT) passou o último sábado de campanha em uma série de carreatas por diferentes regiões do DF. A agenda começou pelo Gama e seguiu por Ceilândia, Taguatinga e Samambaia. Na véspera do primeiro turno, Grass aproveitou a mobilização para reforçar críticas à gestão de Celina Leão (PP) e apresentar propostas principalmente nas áreas de saúde, educação e desenvolvimento econômico.

Em Ceilândia e Taguatinga, Grass destacou a importância das duas regiões para a economia e o comércio da capital e prometeu recuperar a atividade comercial. Segundo ele, a presença de lojas disponíveis para aluguel ou venda seria um sinal das dificuldades enfrentadas pelo setor.

Em Samambaia, Grass voltou a concentrar o discurso nas áreas

de saúde e educação. O candidato citou problemas na estrutura de atendimento e defendeu a ampliação da rede pública, além da construção de escolas, creches e unidades de saúde. “Nós vamos trazer escolas públicas, prédios públicos, escola federal, hospital e ampliar a agilidade da saúde”, afirmou.

Na reta final da campanha, o candidato também comentou as pesquisas eleitorais e disse não utilizar os levantamentos como parâmetro para definir sua estratégia. “Pesquisas são fotografias de momento”, afirmou Grass, que defendeu a mobilização até o último instante permitido pela legislação eleitoral. Para ele, ainda havia eleitores que não tinham decidido o voto ou que não haviam tido contato com todas as propostas.

Ações e alianças

Paula Belmonte (PSDB) participou da chamada Carreata do Bem, percorreu áreas comerciais da Ceilândia, fez panfletagem e conversou com comerciantes e eleitores. Durante a agenda, Paula comentou a repercussão de um vídeo publicado pela deputada federal Erika Kokay (PT), que gerou interpretações sobre uma eventual aproximação entre as duas candidatas.

Paula negou qualquer alinhamento político com o PT e afirmou que o episódio está relacionado ao reconhecimento da atuação de mulheres na política, apesar das divergências partidárias. “Eu quero dizer que eu não sou petista e estão falando coisas que não são verdade. A oportunidade de nós mudarmos esse Governo do Distrito Federal e tirá-lo dessa corrupção, do abandono das pessoas, é votando Paula Belmonte para governadora”, afirmou.

A candidata também defendeu que diferenças políticas não impeçam o reconhecimento da presença feminina na vida pública. “Não acredite no que você está vendo aí, porque estão querendo atacar uma mulher e uma mãe. Mas aqui tem uma mulher corajosa, uma mulher que vai transformar o nosso Distrito Federal”, disse.

Entre as demandas apresentadas por Paula durante a passagem pela cidade esteve a construção de um segundo hospital em Ceilândia. A candidata também defendeu investimentos nas feiras e no comércio local como parte das medidas para melhorar a estrutura e a economia da região. “Nós estamos aqui em Ceilândia, uma cidade que precisa de tanto cuidado. Precisamos do segundo hospital de Ceilândia e defendemos as nossas feiras”, afirmou.

Infraestrutura

Kiko Caputo (Novo) realizou cavavana pelo Guará e por Planaltina, onde apresentou propostas voltadas principalmente para mobilidade, saúde, infraestrutura, produção rural e adaptação às mudanças climáticas. No Guará, Caputo defendeu a implantação da Estrada Parque Águas Claras, prevista como uma ligação entre Guará I, Guará II, Águas Claras, Areal, Vicente Pires, SIA e Plano Piloto.

“O desenvolvimento do Distrito Federal exige uma rede de ligações que acompanhe o crescimento das cidades. As pessoas precisam chegar mais rápido em casa para ficar com a família”, afirmou. O candidato também propôs mudanças no transporte coletivo da região, com integração entre linhas

Ed Alves/CB/D.A Press



Com Michelle e Bia Kicis, Celina defende campanha limpa e pede apoio na reta final

Peter Neylon/Divulgação



Kiko Caputo apresentou propostas para mobilidade, infraestrutura e saúde

Mariana Campos/CB/D.A Press



Grass diz que pesquisas são ‘fotografias de momento’ e aposta em virada

Lucas Peres/Comunicação Paula Belmonte



Ricardo Cappelli/Divulgação



Em mobilização no Gama, Ricardo Cappelli (PSB) diz que aposta em uma reação nas urnas

que atendem Guará, Vicente Pires, Águas Claras, SIA, Cruzeiro, Sudoeste/Octogonal e Plano Piloto.

Na saúde, Caputo apresentou a proposta de transformar, progressivamente, as Unidades Básicas de Saúde (UBS) em unidades com maior capacidade de atendimento, incluindo exames, telemedicina e apoio de especialistas. Para o Guará, o plano prevê, ainda, a construção de um novo hospital nos primeiros anos de uma eventual gestão.

Em Planaltina, a caravana foi acompanhada de propostas direcionadas à produção agrícola e à infraestrutura dos núcleos rurais. Caputo defende ampliar o acesso dos produtores a crédito e assistência técnica e melhorar as condições das vias e da logística para conectar áreas como Pípiripau, Rio Preto, Tabatinga, Taquara e Rajadinha aos principais corredores rodoviários e centros de abastecimento.

Aposta na virada

Ricardo Cappelli (PSB) iniciou o último dia de campanha com uma caminhada e um trio elétrico no Gama. O candidato afirmou acreditar em uma reação nas urnas neste domingo (4/10). “Me pressionaram de todo jeito para eu desistir, para retirar minha candidatura. Cortaram meu dinheiro, tiraram apoio, me pressionaram. Mas eu não desisto”, afirmou Cappelli durante a agenda na região.

Cappelli disse que sua entrada na disputa alterou uma configuração eleitoral que, segundo ele, já estaria definida antes do início da campanha. Cappelli citou, também, o ex-governador José Roberto Arruda como um nome que teria surgido fora dessa composição inicialmente estabelecida. “Essa eleição, desde o início, foi construída com uma candidata escolhida para ganhar e um candidato

escolhido para perder. No meio dela apareceram dois intrusos: o ex-governador Arruda e eu”, declarou.

Ao justificar a permanência na disputa, Cappelli voltou a mencionar a estratégia adotada durante a pré-campanha e a campanha, quando passou períodos em diferentes regiões administrativas do DF. Segundo ele, a iniciativa teve como objetivo ampliar o contato direto com os moradores. “Estou há um ano e meio dormindo uma semana por mês em cada cidade, na casa das pessoas. Eu nunca tive a chance de desistir na minha vida”, disse.

Na reta final, o candidato afirmou que pretende manter a campanha até o encerramento permitido e demonstrou expectativa de alterar o cenário eleitoral no primeiro turno. “Eu vou até o final nessa eleição para, no domingo, a gente surpreender o sistema, virar esse jogo e ganhar a eleição”, afirmou.

Três perguntas para

ANDRÉ CÉSAR, CIENTISTA POLÍTICO, SÓCIO DA HOLD ASSESSORIA LEGISLATIVA

Ao avaliar a evolução das campanhas ao longo do primeiro turno, quais foram os principais fatores ou momentos decisivos que realmente mudaram a intenção de voto do eleitor nesta reta final?

Tivemos vários momentos importantes, muitos a partir do caso Master, que é uma questão clássica, fulcral e fundamental para a campanha. A partir disso, em tudo que está envolvido, seja o governo Lula, a oposição ou o Flávio, nós tivemos os grandes pontos. Tem briga do Supremo, guerra santa agora, pontos fundamentais, mas, a partir do caso Master, que, na verdade, dá o norte para toda essa questão.

Analisando os dados das últimas pesquisas e o cenário de polarização, quais são os elementos reais que podem definir a disputa para a Presidência da República e para os governos estaduais ou GDF já neste domingo ou arrastar a decisão para o segundo turno?

Tanto na questão nacional quanto na eleição do DF e demais estados, são detalhes. Vai ter muito segundo turno, inclusive em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, por exemplo. O Eduardo Paes estava muito forte à frente, caiu e o Douglas Ruas encostou. Então, são pontos, digamos, importantes que mostram que não tem jogo jogado nem vitória ganha. O segundo turno vai estar aí, os candidatos terão que enfrentar e não será fácil. São questões muito difíceis e eles precisarão ajustar, nas respectivas candidaturas, o discurso, a ação, as alianças, porque realmente é complicado.

Como explicar para o cidadão que se abster de votar significa, na prática, permitir que outras pessoas tomem as decisões sobre saúde, educação e segurança no lugar dele?

A abstenção faz parte do jogo. Há um cansaço com a política geral e o cidadão comum que vai se abster, que já está em 20 e tantos por cento, um número alto, tem hoje uma visão ruim da política que vem se erodindo e se desgastando nas últimas eleições. Eu não sei como explicar. Vamos jogar, o jogo é esse, você tem o direito, a tua posição é essa. Não quer se pronunciar, nem votar em A, B ou Z, é algo muito complicado. Eu vejo como algo muito ruim para democracia como um todo, e isso vai desgastando-a, é assim que as democracias morrem. Mas é a classe política que tem que responder e apresentar algum tipo de resultado mínimo, prático, para que se chegue em algum resultado, na saúde, educação e políticas públicas em geral, seja trabalho e segurança pública, que é uma questão que a população pede. São esses pontos que você tem que apresentar, mas é complicado.